

“Sangue para todo lado!”: feminicídio televisado e imaginação melodramática

**“Sangre por todas partes!”: feminicidio
televisado e imaginación melodramática**

**“Blood everywhere!”: televised femicide and
melodramatic imagination**

JÚLIA DOS ANJOS¹

Resumo: Este artigo investiga de que maneira o tratamento dado pelo telejornalismo a casos de feminicídio se aproxima de uma visão de mundo melodramática e como este modo de narrar e criar verdades sobre feminicídio colabora para reforçar certas relações de poder. O estudo se dá em caráter qualitativo com base em uma amostra de 19 matérias de telejornais de diversas regiões do país. A análise observa que, embora o melodrama não seja necessariamente uma tendência problemática, podemos concluir que, nas matérias analisadas, unido a uma falta de informação adequada, esse modo de narrar acaba por colaborar no sentido de um esvaziamento do conteúdo, característica que podemos chamar de dramaticidade despotencializada.

Palavra-chave: Violência de gênero; Feminicídio; Melodrama; Telejornalismo.

Resumen: Este artículo tuvo como objetivo investigar cómo el tratamiento que el periodismo televisivo da a los casos de feminicidio se aproxima de una cosmovisión melodramática, y cómo esta forma de narrar y crear verdades sobre el feminicidio ayuda a reforzar ciertas relaciones de poder. El estudio se realiza de manera cualitativa a partir de una muestra de 19 artículos periodísticos de diferentes regiones de Brasil. El análisis señala que, si bien el melodrama no es necesariamente una tendencia problemática, podemos concluir que, en los materiales analizados, combinado con

¹ Doutora e Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ). Pesquisadora bolsista do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa da Fundação Biblioteca Nacional. Integra o Núcleo de Estudos de Mídia, Emoções e Sociabilidade (NEMES-UFRJ). E-mail: julianjos@gmail.com

la falta de información adecuada, termina contribuyendo al vaciamiento de contenido, característica que podemos denominar dramaticidad despotenciada.

Palabras clave: Violencia de género; feminicidio; Melodrama; Periodismo televisivo.

Abstract: This article aims to investigate how the treatment given by television journalism to cases of femicide approaches a melodramatic worldview and how this way of narrating and creating truths about femicide helps to reinforce certain power relations. The study is carried out qualitatively based on a sample of 19 news articles from different Brazilian regions. The analysis notes that, although melodrama is not necessarily a problematic worldview in itself, we can conclude that, in the materials analyzed, combined with a lack of adequate information, it ends up contributing to an emptying of content – a characteristic that we can call disenfranchised drama.

Keywords: Gender-based violence; Femicide; Melodrama; Television journalism.

Introdução

Mulheres, muitas vezes jovens, com sonhos a realizar, cuja trajetória é interrompida. Crimes sangrentos, cruéis. Parentes inconsoláveis, crianças deixadas órfãs. Essa é a difícil realidade do feminicídio: uma forma extrema de violência misógina, isto é, o assassinato que ocorre “contra mulheres por serem mulheres situadas em relações marcadas por desigualdade de gênero” (Lagarde, 2010, p. xxii, tradução livre²).

Ao narrar esses acontecimentos repletos de causas e consequências pesadas, não é surpresa que o jornalismo deixe de lado o ideal de objetividade e permita ao profissional demonstrar seu horror diante do ocorrido. Com efeito, ao assistirmos a algumas reportagens de telejornal sobre feminicídio, chama a atenção como os apresentadores não se mantêm impassíveis: eles demonstram sua compaixão, tristeza ou indignação, praguejam contra o agressor – “monstro, traste!” –, compartilham desejos sobre a resolução do caso, se dirigem às vítimas de violência – “denuncie!”, “não se cale!” – e descrevem os casos como “tragédias”.

² No original: “Gender violence is misogynist violence against women for being women situated in relationships marked by gender inequality”.

Partindo deste cenário, o presente artigo tem o objetivo de investigar de que maneira o tratamento dado pelo telejornalismo a casos de feminicídio se aproxima não necessariamente de uma visão trágica, mas, na verdade, de uma visão de mundo melodramática, e como este modo de narrar e criar verdades sobre feminicídio colabora para reforçar certas relações de poder.

O uso persistente do vocábulo “tragédia” para descrever os feminicídios na amostra analisada trouxe a necessidade de busca por uma depuração conceitual do termo. Deste modo, a discussão trabalhará com o arcabouço teórico de Eagleton (2003) e, em seguida, apresentará diferentes formas de dar sentido aos sofrimentos que emergiram a partir do período moderno, pensando junto com a reflexão de Brooks (1995) sobre imaginação melodramática.

Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa mais amplo (Anjos, 2023) que se debruça sobre uma amostra de mais de mil reportagens e notícias produzidas entre 2018 e 2020, analisando os diversos efeitos de sentido produzidos pelo discurso jornalístico sobre o tema do feminicídio. O acesso a esses materiais se dá pela plataforma Globoplay.

Para a presente análise, de caráter qualitativo, optou-se pelo foco em uma amostra mais seletiva de 19 matérias³, as quais englobam telejornais de

³ AGRESSÃO contra transexual em Taguatinga é registrada como tentativa de feminicídio. DF1, 11/04/2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6653851/>; CÂMERA de segurança flagra feminicídio no Paraná. Boa Noite Paraná – Londrina, 22/10/2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8025575/?s=0s>; COSTA Rica: Suspeito de feminicídio diz que ficou “aliviado” com morte. MSTV 1ª Edição - Campo Grande, 24/06/2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7715012/>; DOIS casos de feminicídio são registrado no fim de semana na região de Jundiaí. TEM Notícias 1ª Edição – Sorocaba/Jundiaí, 07/01/2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7281431/?s=0s>; EXCLUSIVO: RPC tem acesso a vídeo com depoimento de vítima de feminicídio. Meio Dia Paraná – Maringá, 13/02/2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7379054/>; FAMÍLIAS sofrem após mulheres serem vítimas de feminicídio no AM. JAM 2ª edição, 10/08/2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8766387/?s=0s>; FEMINICÍDIO: mulher morre após ser espancada pelo ex-companheiro. Bahia Meio Dia – Salvador, 04/06/2018. Disponível: <https://globoplay.globo.com/v/6784449/?s=0s>; G1 NO BDDF: Caso de mulher trans agredida é julgado como tentativa de feminicídio. Bom Dia DF, 09/08/2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7830082/?s=0s>; MULHER fala sobre tentativa de feminicídio que sofreu pelo ex-companheiro na Serra de SC. Bom Dia Santa Catarina, 29/08/2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7880317/?s=0s>; MULHER relata agressões de PM suspeito de estupro e tentativa de feminicídio em São Manuel. TEM Notícias 2ª Edição – Bauru/Marília, 07/02/2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7364101/?s=0s>; O MEIO-DIA Paraná teve acesso ao depoimento de acusado de tentativa de feminicídio. Meio Dia Paraná – Londrina, 12/09/2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7917846/?s=0s>; POLÍCIA Civil investiga morte de jovem vítima de feminicídio em Martinópolis. Fronteira Notícias 1ª Edição, 31/03/2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8445908/?s=0s>; POLÍCIA divulga detalhes bizarros de caso de feminicídio em Miracema. RJ Inter TV 1ª Edição, 29/10/2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8042979/?s=0s>. Acesso em: 29/10/2019; QUARTA vítima de feminicídio é enterrada no Rio. Bom Dia Rio, 07/01/2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7280690/?s=0s>; RJ1 mostra a história de duas mulheres que sobreviveram a tentativas de feminicídio. RJ1, 29/10/2020. Disponível em:

diversas regiões do país (estão presentes na amostra jornais locais das seguintes unidades da Federação: Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Amazonas, Bahia, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal). O recorte do corpus se guiou por uma mistura de seleção aleatória com triagem de acordo com a pertinência à análise.

Vale notar que, por uma questão de exiguidade de espaço e de adequação aos objetivos de pesquisa, a discussão aqui proposta não se detém em detalhes de todas as matérias do corpus. O foco é explorar, a partir de exemplos significativos dentro de uma amostra analisada qualitativamente, de que maneira a matriz melodramática se faz presente nos modos de narrar o feminicídio e o que isto nos informa sobre nosso contexto social.

A partir de uma compreensão do jornalismo como um lócus privilegiado de produção de sentidos sobre feminicídio, em que saber e poder se articulam, a Análise do Discurso de inspiração foucaultiana foi a metodologia selecionada. Importa observar que, aqui, a palavra “discurso” não diz respeito apenas à linguagem verbal, mas também a todos os elementos de sentido que atuam na criação de verdades sobre o objeto em questão. De acordo com esta metodologia, os discursos são tratados como um modo de produção social: “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falamos” (Foucault, 2008, p. 55). Trazendo essa diretriz para o objeto analisado, significa que o discurso pode englobar, imagens, enquadramentos e expressões faciais dos repórteres, entre outros. Que verdades sobre o feminicídio as escolhas discursivas das matérias analisadas colaboram para criar, a quem eles interessam, e quais são suas consequências sociais?

É necessário elucidar que, embora este trabalho se debruce sobre a emotividade presente no telejornalismo e sua aproximação com uma raiz melodramática, não se considera que a mera representação intensa ou excessiva do sofrimento seja um problema e que, necessariamente, levaria ao esvaziamento de uma pauta. Ao contrário, defendendo que o olhar para a dor alheia pode ser uma potente fundação para a prática política e para o envolvimento ético. O sofrimento pode funcionar como uma linguagem

<https://globoplay.globo.com/v/8979917/?s=0s>; TENTATIVA de feminicídio: vítima fala com exclusividade ao RJ2 sobre o crime. RJ2 – TV Rio Sul, 07/03/2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7438318/?s=0s>; UM CRIME de feminicídio chocou os moradores da cidade de Itaquitinga. GRTV 2ª Edição, 29/01/2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8277248/?s=0s>; VÍDEO: policiais impedem feminicídio em Paçandu. Meio Dia Paraná – Maringá, 18/09/2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8868028/?s=0s>; VÍTIMA de tentativa de feminicídio conta como era o comportamento do ex companheiro. Bom Dia Rio Grande, 12/02/2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8314918/?s=0s>.

poderosa para unir pessoas em torno de uma causa. Quando, porém, a dor de mulheres aparece na mídia acompanhada de discursos problemáticos, ocorre o que chamo de dramaticidade despotencializada (Anjos, 2023), noção que será abordada ao final deste artigo.

Entre tragédia e melodrama: como interpretamos o sofrimento

Como afirma Eagleton (2003), a palavra “tragédia”, no uso do dia a dia, costuma funcionar, atualmente, como sinônimo de “muito triste”, acrescida de uma qualidade terrível, que choca e atordoa. No caminho para uma depuração conceitual da ideia de “tragédia”, o autor afirma que, na realidade, seu significado seria algo bastante diferente de “tristeza intensa”.

Eagleton (2003) lembra que, no período medieval, a tragédia era vista como uma forma séria de contar os infortúnios dos poderosos. A desgraça era merecida e a punição dos culpados por seus pecados edificaria a audiência, ensinando que a vingança divina para os imorais é garantida. Não existia aqui a ideia de um destino traçado, de um herói virtuoso e que sofre excessivamente, com o qual o público se identifica. Havia, porém, uma conotação parcialmente pejorativa, relacionando a tragédia a uma representação afetada, de vocabulário empolado.

A partir dessa observação, pode-se perceber que a palavra “tragédia” sofreu um deslocamento semântico: partindo do âmbito artístico, descrevendo um tipo de material literário ou teatral, passou a denotar um relato de uma adversidade para, então, designar adversidades em si.

Outro movimento bastante relevante de modificação do que se entende por tragédia foi a sua democratização. Se, outrora, a alta estatura social dos personagens era elemento importante, com a formação do Estado moderno, a angústia causada pela pobreza passou a chamar a atenção como possível material de inspiração para tragédias. Do ponto de vista de um projeto iluminista de igualdade, qualquer pessoa pode ser uma figura trágica.

Uma outra forma de enxergar o fenômeno, contudo, entende que a tragédia como forma artística viu um ocaso com a Modernidade, época em que passou a predominar outro tipo de imaginação relacionada ao sofrimento: o melodrama. Brooks (1995) argumenta que as origens do melodrama podem ser localizadas no contexto da Revolução Francesa, em que se dissolvia a rígida hierarquia social que imperava até então e, com ela, as formas literárias que a acompanhavam, como a tragédia. Assim, para o autor, a

emergência do melodrama representa uma resposta à perda de uma visão de mundo trágica.

Vale lembrar que o conceito de drama remonta à Antiguidade. Em sua Poética (335 a 322 a.C.), Aristóteles propõe um modo de diferenciação das artes e do drama, aqui, aparece como a imitação por meio da representação direta da ação dos personagens. Já o termo “melodrama” significaria, literalmente, drama acompanhado de música.

Porém, segundo Brooks (1995), melodrama é menos um gênero e mais um modo imaginativo, intimamente relacionado ao pensamento moderno e à sua tentativa de significar o mundo. Como exemplo da nova imaginação melodramática aplicada à visão de mundo da época revolucionária, o autor faz referência a uma exclamação do pensador francês Louis Antoine Léon de Saint-Just: “um governo republicano tem a virtude como princípio; se não, o terror”. Estão presentes na frase termos maniqueístas (virtude ou terror), excluindo o meio e imaginando um cenário de imposição de uma nova ordem. Percebe-se, portanto, aspectos centrais desse modo de ver o mundo: a presença da ideia de luta entre o bem e o mal. O conflito das narrativas melodramáticas se traduz na necessidade de reconhecer, confrontar e expurgar o mal da ordem social.

Outra marca notável do melodrama é o moralismo, na medida em que se tenta encontrar, demonstrar e comprovar a existência de um universo moral que, embora ameaçado pelo vilão, existe e poderá ser explicitado em toda sua força ao fim da história: “O confronto e a peripécia são geridos de modo a tornar possível uma homenagem notável, pública e espetacular à virtude, uma demonstração de seu poder e efeito” (Brooks, 1995, p. 25, tradução livre)⁴.

Mais uma característica saliente da imaginação melodramática, como indicada por Brooks (1995), é a centralidade do ego individual como a medida de todas as coisas. Afinal, com o colapso do pensamento teocêntrico, são os valores do indivíduo que adquirem caráter primordial.

Unindo, então, esses atributos – maniqueísmo, moralismo e a centralidade do eu – tem-se um Bem e um Mal altamente pessoalizados, ou seja, o Vício e a Virtude sempre habitarão as pessoas. Esta seria uma diferença notável em relação à visão trágica, segundo a entende Eagleton (2003). Ele afirma que, embora as tragédias gregas clássicas apresentem protagonistas, não

⁴ No original: “O confronto e a peripécia são geridos de modo a tornar possível uma homenagem notável, pública e espetacular à virtude, uma demonstração de seu poder e efeito”.

necessariamente eles são o elemento central. No mundo duro e violento das tragédias, nem mesmo a virtude é garantia para o bem-estar: a tragédia escancara a impossibilidade humana de assegurar a felicidade. A responsabilidade é, portanto, desviada do indivíduo.

Neste sentido, a arte trágica lembra o quanto somos movidos pelas circunstâncias, passivos, ao invés de agentes. O que alguns veem como fatalismo ou pessimismo pode significar, porém, um ponto de partida para um projeto político. De acordo com Eagleton (2003), apenas compreendendo nossos limites podemos agir construtivamente, e o olhar para a fragilidade e vulnerabilidade humanas, que está em jogo na tragédia, permite justamente este entendimento, única fundação possível para uma efetiva ética ou política. O autor defende, ainda, que o sofrimento é uma linguagem extremamente poderosa, especialmente quando é compartilhada, pois pode levar pessoas diferentes ao diálogo e à comunhão.

Recuber (2012) vai em direção semelhante ao defender que o engajamento moral com o sofrimento do outro é um componente vital no campo político. O autor vai além e questiona a noção, defendida por muitos, de que a atenção midiática em demasia é devotada a desastres e a outras tragédias humanas. Recuber critica a ideia de que as imagens de sofrimento alheio estariam tão proeminentes na mídia que passariam a ter o efeito contrário do desejado: ao invés de inflamar a reação do público, teriam tornado a audiência inerte, causando uma suposta fadiga da compaixão. O autor apresenta evidências de que, na verdade, o engajamento humanitário direcionado a vítimas de tragédias tem aumentado nos últimos tempos. Ou seja, daí podemos inferir que o esvaziamento de um engajamento moral não é uma realidade necessária da exposição do público a intensas imagens de sofrimento do outro.

Ainda que não seja apropriado falar em uma fadiga de compaixão nem de uma negação ao tematizar o sofrimento do outro em si, pode-se discutir em que medida este conteúdo tem, de fato, contribuído para um olhar em direção à vulnerabilidade social e que função ele tem exercido. Binik (2017), por exemplo, opta por utilizar o termo “pornografia dos sentimentos” ao tematizar conteúdos midiáticos relacionados à criminalidade e à violência, os quais atendem a uma demanda do público por emoções intensas, que colocam o espectador “no limite”, enriquecem seu dia a dia, aumentam seu escopo de experiências de maneira segura e fugaz. Para satisfazer e fomentar esse desejo, a mídia transforma eventos trágicos em commodities empolgantes,

um “carnaval explosivo e pronto para consumo” (Binik, 2017, p. 138, tradução livre). Neste processo, emoções complexas são purificadas e têm sua ambiguidade apagada para que possam se transformar em bens de consumo padronizados, que agradarão ao maior número possível de pessoas.

O problema, então, não é meramente a representação exagerada ou excessiva do sofrimento alheio, mas sim o modo como ela é feita. Assim sendo, a seguir começamos a destrinchar como é explorado o recurso narrativo e imagético nas notícias de feminicídio. A discussão teórica anterior incorpora à análise a importante noção de que não é a mera apresentação destas imagens o problema, uma vez que o olhar ao sofrimento do outro é necessário e pode ser politicamente relevante. Não é isso o que parece estar acontecendo nas notícias aqui analisadas, muito embora os próprios repórteres e apresentadores ressaltem a importância da visibilidade conferida ao assunto por seus programas como uma forma de modificar o estado das coisas.

Entre sangue e justiça: análise das reportagens sobre feminicídio

Uma reportagem do telejornal RJ2 é especialmente significativa para demonstrar a presença da matriz melodramática nas reportagens analisadas. O material começa pelo clamor da vítima que sobreviveu a uma tentativa de feminicídio: “Justiça. Esse é o pedido de Deidiane de Paula Monteiro, vítima de uma tentativa de feminicídio em Angra dos Reis”, diz o apresentador Diego Gavazzi, em tom sério⁵. De início, temos a apresentação não apenas de uma das personagens principais da trama em questão, mas também sua declaração de intenções em defesa do restabelecimento da ordem do mundo. A notícia se inicia, portanto, fazendo forte alusão ao registro que Brooks (1995) considera melodramático. O apresentador, a seguir, dá informações básicas sobre o caso e chama o repórter para contar mais sobre o “crime que chocou toda a região”. Esta frase denota a ideia de uma interrupção da normalidade, como se houvesse um estado natural de paz, ordem e tranquilidade que foi bruscamente interrompido, mais uma noção típica do melodrama.

No início do VT, temos imagens da entrevista com a vítima Deidiane, ainda hospitalizada, contando como está emocionalmente abalada e como sente

⁵ TENTATIVA de feminicídio: vítima fala com exclusividade ao RJ2 sobre o crime. **RJ2 – TV Rio Sul**, 07/03/2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7438318/?s=0s>.

medo mesmo estando dentro do hospital. Em seguida, emerge a voz em off da repórter Maria Mariana Ferreira: “Ainda tem sangue na parede do quarto”. Simultaneamente, a câmera focaliza a parede do ambiente mencionado e dá zoom para mostrar o que a locução indica (Figura 1):

Figura 1: Câmera focaliza parede da cena do crime onde se vê marcas de sangue



Fonte: Reportagem “Tentativa de feminicídio: vítima fala com exclusividade ao RJ2 sobre o crime”. 07/03/2019. Foto de tela registrada pela autora a partir da reportagem do RJ2 – TV Rio Sul.

Enquanto a jornalista informa detalhes do caso, a imagem muda para uma foto de Deidiane ensanguentada, com expressão de dor, depois muda para a foto do agressor, com expressão sorridente. Após, há um breve relato da irmã da vítima, que se inicia com as palavras: “Sangue. Para tudo quanto é lado, na parede, na cama, no chão, no guarda-roupa”. Conforme prossegue sua fala, contando como foi chegar ao local e ver que sua irmã havia sido violentada, a reportagem novamente exhibe a foto da mulher ensanguentada, com expressão de dor, que havia sido veiculada segundos antes.

A voz em off da repórter retorna, informando que o relacionamento de Deidiane com o agressor foi marcado por agressões e ameaças. Enquanto isso, é exibida uma imagem do casal, sorridente. É interessante notar a contraposição direta entre o que se diz e o que se vê, que provavelmente foi uma escolha deliberada da reportagem para ressaltar o choque diante do caso.

O material prossegue com uma entrevista com a irmã do agressor, que também sofreu ameaças, e a veiculação de um áudio que contém um exemplo destas intimidações, o que serviu para reforçar a periculosidade do agressor. Com o fim do VT, retornamos ao apresentador, que finaliza o comentário com a mesma tônica do início: a necessidade de se obter justiça. Aqui, “justiça” significa a prisão do agressor. Embora a repórter Maria Mariana

abra espaço para que a vítima fale sobre as marcas psicológicas da agressão e como elas são mais difíceis de curar, ao final da reportagem está implícito que a prisão do agressor seria o final esperado, aquilo que iria encerrar essa história e restabelecer a ordem do mundo.

Chama a atenção, também, o uso de imagens explícitas de sofrimento. Ainda que este conteúdo se destaque em relação a referências especificamente direcionadas ao sangue, a utilização de signos de violência é bastante comum nas notícias analisadas. Como padrão, há quase sempre imagens da cena do crime como uma tentativa de tornar concreto o relato, ilustrando em imagens aquilo que está sendo mencionado pela narração. Porém, mais do que uma objetividade, em muitos casos a exibição desses ambientes se torna uma ferramenta para inserir emocionalmente o espectador nos acontecimentos. Apresenta-se, de maneira minuciosa, a sequência de fatos conforme ocorreram e ainda destacam-se os detalhes sórdidos que eventualmente se façam presentes e que possam provocar reações emocionais.

Um exemplo dessa apresentação pormenorizada da cena do crime é a reportagem “Mulher relata agressões de PM suspeito de estupro e tentativa de feminicídio em São Manuel”, do jornal TEM Notícias 2ª Edição. O repórter Murilo Rincon vai até a cena do crime e descreve como tudo aconteceu, passo a passo, indicando com as mãos os locais por onde a vítima e o agressor passaram (Figura 2). Após dizer que ela foi estuprada, reforça, ainda, que ela fugiu sem roupas e pediu ajuda a pessoas que passavam. Nenhum detalhe é poupado. Oferecem-nos todos os pormenores para que possamos nos imaginar na situação e sentir o pavor que a vítima sentiu:

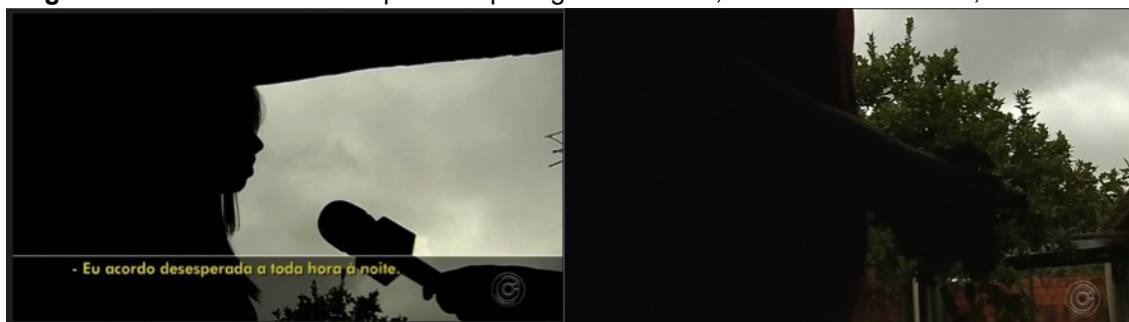
Figura 2: Repórter vai até cena do crime e indica com as mãos os locais por onde a vítima e agressor passaram



Fonte: Reportagem “Mulher relata agressões de PM suspeito de estupro e tentativa de feminicídio em São Manuel”. Fotos de tela registradas pela autora a partir da reportagem do TEM Notícias 2ª Edição.

Essa imagem do jornalista in loco é alternada com cenas da entrevista conduzida com a vítima sobrevivente, em que ela conta o ocorrido em primeira pessoa. Ela, contudo, não fala sozinha – a voz de Rincon destaca, em off, partes de seu relato ou detalhes de seu comportamento considerados relevantes: “As mãos inquietas denunciam o quanto ela se sente incomodada só de lembrar dos momentos de terror que viveu naquele dia [...] ela contou à nossa equipe que ainda não consegue dormir direito” ⁶ (Figura 3):

Figura 3: Vítima dá entrevista para a reportagem. À direita, close em suas mãos, à contraluz.



Fonte: Reportagem “Mulher relata agressões de PM suspeito de estupro e tentativa de feminicídio em São Manuel”. Fotos de tela registradas pela autora a partir da reportagem do TEM Notícias 2ª Edição.

Relatos de vítimas sobreviventes dão conta de uma situação de medo e abalo emocional que se prolonga para além do ocorrido. Aqui, por exemplo, a mulher, que prefere não se identificar, conta que não consegue ficar sozinha e que se assusta com barulhos mais altos. Ainda assim, a reportagem se encerra com um apelo para “que a justiça seja feita” e com informações sobre a prisão do agressor. Todo o sofrimento da vítima que é exibido obedece ao propósito de se buscar uma punição para o agressor, pois se entende que este é o único desfecho possível, ou seja, os sentimentos da vítima em si servem a um propósito fora dela.

O ponto de vista do jornalismo não se encontra isolado do ambiente social. Pelo contrário, ele é produzido e colabora para produzir uma estrutura social em que o feminicídio apenas pode aparecer dentro de determinados esquemas de inteligibilidade, relacionado ao modo como se compreendem outros crimes, como homicídio comum, roubo, tráfico de drogas etc. Nesse modelo de apreensão, o papel do Estado está circunscrito a determinados limites: fortemente relacionado ao aparato jurídico-policial, enquanto outras formas de amparo à vítima e à sua família são empurradas para fora da arena

⁶ MULHER relata agressões de PM suspeito de estupro e tentativa de feminicídio em São Manuel. **TEM Notícias 2ª Edição** – Bauru/Marília, 07/02/2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7364101/?s=0s>

discursiva. Mesmo quando as entrevistas conduzidas com essas pessoas dão um eloquente testemunho sobre a urgência de medidas como essas, elas raramente despontam no discurso.

Em algumas ocorrências, um recurso emerge para dar dimensão da carga emocional do crime e para apresentá-lo mais objetivamente do que qualquer descrição: imagens de câmeras de segurança ou testemunhas. Quando esse tipo de elemento se faz presente, não à toa ganha-se a dianteira da reportagem. Não o agressor, nem a vítima: a protagonista se torna a imagem.

Um motivo comumente apontado pelos veículos para a exibição de imagens desse tipo é um desejo pela valorização do tema e uma demonstração de sua importância. Em uma notícia do Meio Dia Paraná⁷, por exemplo, o jornalista William Souza afirma que o caso narrado chamou a atenção justamente devido às imagens da ação, gravadas por um policial que estava atendendo a ocorrência. Além disso, o delegado do caso, Mateus Ganzer, ao ser entrevistado, opina que “as pessoas só dão importância ou só dão valor aos fatos que acontecem quando elas veem as imagens”.

Se a exibição de cenas de violência contra a mulher, de fato, for uma aliada, então o telejornal realmente não economiza neste quesito. O vídeo em questão é exibido seis vezes, só na primeira parte da reportagem. As imagens mostram um homem mantendo uma mulher como refém e a ameaçando com uma faca. Ele chega a desferir algumas facadas, mas, em determinado momento, se desequilibra e cai no chão. Assim, os policiais aproveitam a oportunidade para detê-lo. Como a câmera estava acoplada ao uniforme de um dos policiais, conforme o profissional se movimenta a imagem treme, fica borrada e mal enquadrada.

Inicialmente, as imagens se desenrolam com a voz do repórter em off, narrando o ocorrido. Em seguida, o material é mostrado na íntegra, com o som original. Depois, Souza continua falando sobre o vídeo, agora para exaltar a atuação policial, ressaltando o fato de que os policiais agiram rápido e aproveitaram o momento em que o homem perde o equilíbrio. Enquanto ele narra esse fato (que os espectadores acabaram de ver com seus próprios olhos duas vezes), a filmagem é exibida uma terceira vez. Após isso, o jornalista lê um depoimento dado por um dos soldados que atendeu à ocorrência e, ao mesmo tempo, as imagens do crime aparecem na tela pela quarta vez em menos de cinco minutos de reportagem. Posteriormente, a

⁷ VÍDEO: policiais impedem feminicídio em Paiçandu. **Meio Dia Paraná – Maringá**, 18/09/2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8868028/?s=0s>

palavra retorna à âncora Anelize Camargo, que diz que o caso mostra como é importante a denúncia, visto que os policiais conseguiram salvar a vida da mulher graças ao chamamento dos vizinhos. Simultaneamente a essas palavras, pela quinta vez o vídeo da agressão aparece na tela.

Vale notar que a reportagem retorna com “mais informações” e, nessa continuação, embora William Souza avise ao espectador possivelmente desavisado que “as imagens são fortes”, o vídeo da violência é repetido mais quatro vezes, totalizando, portanto, 9 exibições em quase 12 minutos de reportagem.

É interessante observar a fé depositada na pura e simples exibição e repetição de imagens como único insumo para engajar eticamente o espectador. Elas são mostradas várias vezes seguidas, cada momento ressaltando um ponto, mas sem acrescentar muito em relação ao take anterior.

Também é digno de nota que o conteúdo abre espaço para entrevistar os policiais que presenciaram o ocorrido e, neste ponto, assim como em outras reportagens, aparece uma referência ao termo “tragédia”. Porém, é dito que os policiais conseguiram evitar “um desfecho que poderia ser trágico”. Nota-se, assim, que o caráter de tragédia parece estar associado, neste ponto de vista, especificamente à morte.

O uso do vocábulo “tragédia”, portanto, está desvinculado de seu sentido literário e, na verdade, podemos observar que, no caso em questão, ao invés de uma visão trágica, impera a visão de mundo melodramática. Ao dissertar sobre as características do melodrama, Martín-Barbero (1997) destaca quatro personagens comuns: o Traidor, a Vítima, o Bobo e o Justiceiro ou Protetor. Este último tem por função desfazer a trama de mal-entendidos e desventuras, permitindo que a verdade resplandeça e o bem vença. Geralmente, esse ato envolve castigar o Traidor e salvar a Vítima. Embora, tradicionalmente, na matriz melodramática, a vítima seja a personalização do Bem e o vilão, o Mal na forma de gente, é o Justiceiro a verdadeira contraface do vilão, argumenta Martín-Barbero (1997).

A reportagem acima é um exemplo, entre outros, em que agentes policiais e/ou profissionais do sistema judiciário emergem na figura de heróis, aqueles que conseguem restabelecer a paz e a ordem, derrotando o vilão (prendendo um criminoso) e salvando a donzela (impedindo a morte da vítima de violência ou “vingando-a” com a prisão do agressor).

Neste cenário, se nós, como comunidade, sempre fizermos o nosso papel, – entendido como chamar a polícia – tudo dará certo. As imagens de sofrimento exibidas atendem ao desígnio de nos mobilizar para este fim. O abalo psicológico das mulheres que viveram pessoalmente estas imagens é parte da história, mas logo superado. Afinal, o que importa é que o bem vença.

Essa história deixa de lado algumas questões, como a possibilidade de existência de falhas no aparato jurídico-policial, inclusive com a revitimização da mulher em meio a um processo penal. Coloca-se o sistema penal como resolução única e suprema de problemas sociais. Nas notícias analisadas, esse ponto de vista aparece em enunciações que apresentam a procura da mulher pela autoridade policial e a tomada de ciência dessa autoridade sobre o crime como um divisor de águas. Há um nexos, portanto, entre a denúncia à polícia e a solução (quase mágica) do problema, acompanhado da promessa de que este caminho está à plena disposição das vítimas. Nota-se, ainda, uma hiperinflação do trabalho da polícia, como se fosse não apenas o principal, mas o único órgão que atua no combate à violência. Desta maneira, oblitera-se a necessidade de uma ampla gama de políticas públicas, assim como a modificação das relações sociais de gênero.

O bem sempre vence? Possibilidades de engajamento ético com o sofrimento narrado

A vontade de envolver-se afetiva e moralmente com imagens de sofrimento para defender a importância do assunto da violência contra a mulher certamente não é algo negativo em si. Podemos e precisamos encontrar maneiras de nos engajar com a dor das outras e dos outros. Entretanto, quando, ao lado das imagens de dor e sangue, não é oferecido um incremento informativo e um caminho para ação, resta, de fato, algo parecido a uma pornografia dos sentimentos, como apontado por Binik (2017).

O fato de que, por vezes, as imagens se tornem as protagonistas das reportagens analisadas já começa a indicar o problema do caminho tomado por esses materiais. O dever jornalístico, segundo dito pelos próprios repórteres, seria justamente o de mostrar essas imagens. O comprometimento ético, porém, termina aí, com a sensação de que a virtude está em vias de se restaurar – afinal, a polícia está buscando o criminoso, ou,

melhor, ele já foi preso! – e de que a ordem natural das coisas é a paz e o bem.

Observa-se que, apesar de exibir conteúdo pautado por tristeza, violência e morte, as matérias geralmente se empenham em demonstrar um “lado positivo” da história, uma “luz no fim do túnel”, nem que seja a constatação do belo trabalho dos policiais que atenderam ao caso, ou mesmo dos próprios jornalistas que o narram, trazendo as imagens da realidade. Essa realidade é dura, triste, mas nem tudo está perdido. Por pior que seja o caso tratado, as reportagens não costumam se entregar ao pessimismo. Na verdade, podemos observar que não se trata da realidade, mas sim de uma construção narrativa de verdade, bastante influenciada pela imaginação melodramática, em sua crença na restauração da virtude, e também por uma falta de informação por parte da população em geral (e, portanto, dos profissionais de jornalismo) sobre as dificuldades no enfrentamento à violência contra a mulher.

Este cenário culmina no que tenho chamado de dramaticidade despotencializada, isto é, a criação de narrativas sobre o sofrimento que chamam a atenção do espectador pela via emocional, mas não colaboram para construir um engajamento ético-político, na medida em que esvaziam o potencial do debate, individualizando e simplificando um problema que é coletivo e complexo.

Utilizo o termo “despotencializada”, pois acredito haver uma grande perda de potencial ao se abordar o feminicídio desta maneira. Considero que o esvaziamento da pauta não é uma manifestação natural do tratamento de um tema carregado de luto, tristeza e horror como o feminicídio e nem uma ocorrência necessária dentro do meio televisivo, pautado pelo ritmo rápido e pela exploração de imagens de choque. Tematizar o feminicídio desta maneira representa, ao contrário, uma oportunidade desperdiçada de explorar a capacidade do discurso emocional de maneira mais potente e interessante para funcionar como força motriz de engajamento ético e político.

É interessante recordar um sentido antigo, usualmente esquecido, para a palavra emoção. Como lembra Freire Filho (2013), o Dicionário da Língua Portuguesa a definia, em 1813, como motim, alvoroço, união do povo. Com o tempo, o termo emoção foi sendo oposto à razão, descredibilizado por sua associação à insensatez, relacionado a produtos culturais vistos como inferiores e fúteis.

Podemos, entretanto, recuperar o potencial político do discurso emocional. Desta maneira, o sangue, as lágrimas, o desespero e o horror divulgados nas reportagens sobre feminicídio podem ser mais do que estímulos que se dissipam com o desligar das câmeras. Eles podem e devem vir acompanhados de um entendimento mais aprofundado sobre o fenômeno, que colabore para o debate sobre feminicídio como problema coletivo.

O final da história: considerações conclusivas

Este artigo teve como objetivo investigar de que maneira o tratamento dado pelo telejornalismo a casos de feminicídio se aproxima de uma visão de mundo melodramática e como este modo de narrar e criar verdades sobre feminicídio colabora para reforçar certas relações de poder.

O desenvolvimento do trabalho se iniciou com uma discussão teórica que incorporou à análise a importante noção de que a mera apresentação intensa ou excessiva do sofrimento alheio não é um problema, uma vez que o olhar para a dor do outro é necessário e pode ser politicamente relevante. Entretanto, não é isso o que parece estar acontecendo nas notícias aqui analisadas.

Ao longo da análise, observamos como o material das notícias de telejornalismo sobre feminicídio é caracterizado por um teor melodramático, de acordo com a definição de Brooks (1995). Vemos, nas reportagens, declarações de intenção em defesa do reestabelecimento de uma ordem no mundo, o emprego de diversos recursos para inserir emocionalmente o espectador nos acontecimentos e a repetição de imagens com um suposto intento pedagógico de ensinar uma lição aos espectadores, captando sua atenção por meio do apelo imagético e emocional. Sobretudo, percebe-se um ideal de que a ordem natural das coisas é a paz e o bem, e o aparato jurídico-policia emerge como “salvador” da virtude, que estaria em vias de se restaurar, após uma interrupção da normalidade causada pelo “vilão”.

Nesse sentido, a noção de “justiça” e de retorno à ordem do mundo se equipara meramente à prisão do agressor. Desta forma, são ignorados os possíveis problemas do sistema penal – morosidade, revitimização, atendimento pouco acolhedor etc –, bem como outras formas de tratar do problema do feminicídio – como a previsão de medidas de auxílio e indenização a mulheres sobreviventes de uma tentativa de feminicídio, o apoio aos familiares das vítimas fatais, entre outras.

Observamos, então, que a exibição do sofrimento das vítimas obedece a um propósito fora delas: dar sentido à nossa visão de mundo, segundo a qual a virtude deve prevalecer. Dentro desse regime de verdade, pouco importa se a vítima teve sua vida completamente alterada e não há políticas públicas disponíveis para ajudá-la. O bem vencerá!

Embora o melodrama – é importante reforçar – não seja necessariamente uma tendência problemática, podemos concluir que, nas matérias analisadas, unido a uma falta de informação adequada, a imaginação melodramática acaba por colaborar no sentido de um esvaziamento do conteúdo. Dessa forma, resta algo que venho chamando de dramaticidade despotencializada, isto é, as emoções mobilizadas não são acompanhadas de um entendimento mais aprofundado sobre o fenômeno, o que esvazia o potencial político do debate sobre feminicídio como problema coletivo.

Bibliografia

ANJOS, Júlia dos. **Feminicídio no telejornalismo**: matriz melodramática e novos ideais femininos. Rio de Janeiro, 2023. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura), Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

BINIK, Oriana. **The fascination with violence in contemporary society**: when crime is sublime. New York: Palgrave Macmillan, 2017

BROOKS, Peter. **The melodramatic imagination**: Balzac, Henry James, melodrama and the mode of excess. New Heaven: Yale University Press, 1995.

EAGLETON, Terry. **Sweet violence**: The Idea of the Tragic. Oxford: Blackwell Publishers, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREIRE FILHO, João. A comunicação passional dos fãs: expressões de amor e de ódio nas redes sociais. In: BARBOSA, Marialva; MORAIS, Osvando. (Org.). **Comunicação em tempo de redes sociais**: afetos, emoções, subjetividades. 1 ed. São Paulo: INTERCOM, 2013. p. 127-154.

LAGARDE, Marcela. Feminist Keys for Understanding Femicide: theoretical, political and legal construction. In: FREGOSO, Rosa-Linda; BEJARANO, Cynthia (Orgs.). **Terrorizing women**: Femicide in the Americas. Durham: Duke University Press, 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

RECUBER, Timothy. Disaster porn!. **Contexts**, v. 12, n. 2, p. 28-33, 2012.

Recebido em: 28-02-2024

Aceito em: 16-05-2024